

As Casas da Primeira Infância

Uma ferramenta indispensável de prevenção da marginalidade social, da fuga para as drogas ou o álcool, da violência e do fracasso escolar

Hubert Montagner

Sumário

Preâmbulo. As Casas da Primeira Infância. Princípios gerais. Organização global. O local-refúgio pré-natal. O local-refúgio das primeiras idades. O lugar-refúgio para as crianças com idade de seis meses a três anos. O lugar de mediações cruzadas. O lugar de prospectiva e perspectiva para a criança e seus pais. O lugar de informação e comunicação. O lugar de formação pluridisciplinar das diversas categorias de profissionais envolvidos na vida pré-natal, o pós-nascimento e a primeira infância. O lugar de valorização do “saber-ser” e das habilidades das crianças e de seus pais. Conclusão.

Preâmbulo

O desenvolvimento de estruturas de atendimento bem concebidas para a primeira infância deveria ser preocupação essencial dos dirigentes responsáveis pela família, educação, saúde, política e economia, por enfrentarem vários desafios de grande importância que, independentemente da cultura e particularidades étnicas, incidem no futuro de um país e de uma nação. Esses desafios são:

– o crescimento da natalidade ou sua manutenção em patamar elevado. Para fazer face às realidades demográficas, é preciso repensar as estruturas “tradicionais” de atendimento e educação da primeira infância (creches, guarderias para crianças², escolas maternas) e, sobretudo, construir estruturas de

Hubert Montagner é psicofisiologista, Professor das Universidades¹, Diretor de Pesquisa no Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica – INSERM da França.

Texto traduzido do francês por Jean F. Cleaver, Tradutor do Senado Federal.

¹ Ndt: Último escalão da carreira universitária francesa, equivalente ao *full professor* britânico.

² Ndt: *Haltes-garderies*, como existem nos *shopping centers*, em que se podem deixar crianças brincando por prazo variável.

um novo tipo, para que cada criança possa realizar-se em todas as dimensões ao longo dos primeiros anos de vida, em interação com sua mãe e sua família. Tais estruturas devem ser concebidas de forma a que as mães e as famílias possam envolver-se plena e serenamente na vida econômica, social e cultural de seu país sem serem tolhidas ou impedidas pela ausência ou insuficiência de estruturas de atendimento da primeira infância, especialmente se tiverem condições de vida difíceis. Outrossim, é preciso que as mães e as famílias possam confiar seus filhos às estruturas para a primeira infância sem sentimentos de culpa, preocupação, ansiedade ou angústia, independentemente dos traços individuais, sociais, culturais ou étnicos das pessoas;

– a sociedade é cada vez mais complexa, estressante e inconstante. Para fazer face a essa evolução, é preciso dar às diversas crianças a oportunidade de desenvolverem mecanismos, condutas e recursos necessários para adaptar-se a múltiplos parceiros e ambientes, da primeira infância à adolescência. O desenvolvimento das capacidades de adaptação e integração sociais requer concepções novas e novos modos de funcionamento das estruturas de atendimento da primeira infância, assim como de todas as estruturas educacionais – especialmente da escola – quaisquer que sejam as dificuldades das diversas crianças (doença genética, deficiência, “distúrbio comportamental”) e independentemente das particularidades do meio familiar;

– as condutas “aborrecedoras” ou preocupantes das crianças, pré-adolescentes e adolescentes alimentam, na população, uma ansiedade e uma insegurança crescentes, bem como um sentimento de impotência entre os atores e decididores sociais. Para enfrentar esse fenômeno, é preciso criar condições que permitam prevenir ou reduzir o desenvolvimento, em todas as idades, de comportamentos auto-centrados (ensimesmamento e auto-isolamento), de comportamentos de evitação e fuga (entre os quais, os que levam ao consu-

mo excessivo de álcool e drogas, ao suicídio e à marginalidade social), da “hiperatividade” (grau considerado excessivo de turbulência e instabilidade comportamental), da violência e da destruição, assim como de condutas “estranhas”, que acarretam a admissão de crianças, pré-adolescentes e adolescentes em estabelecimentos especializados (ambulatorios, Institutos Médico-Educativos, Institutos Terapêuticos, Educativos e Pedagógicos – ITEPs). Essas condições devem ser criadas não apenas na escola e na cidade, como também nas estruturas de atendimento da primeira infância (creches, escolas maternais), que são, com a família, o caderinho em que se forjam os apegos seguros, a sincronização dos ritmos com o ambiente, a aliança do corpo e do pensamento na conquista do espaço, as relações consensuais com parceiros, os processos de socialização e a elaboração dos recursos intelectuais;

– a insegurança afetiva da criança e de sua família é acompanhada de consumo excessivo de “muletas químicas” (soníferos, sedativos, psicotrôpicos), destinadas a amenizar os distúrbios do sono, os esgotamentos fisiológicos e psíquicos, o estresse, as desestabilizações e as doenças geradas por uma sociedade cada vez mais complexa, estressante e instável. Para enfrentar esses desregramentos, é preciso criar, para a primeira infância, estruturas e ambientes que, ao instalar os indivíduos na segurança afetiva, reduzem o consumo excessivo de “muletas químicas”, fonte de fragilidade para a saúde somática e psíquica das pessoas, e também fonte de déficit financeiro para as entidades de previdência social.

As Casas da Primeira Infância foram concebidas para enfrentar esses desafios.

As Casas da Primeira Infância Princípios gerais

As Casas da Primeira Infância compreendem locais-refúgio e espaços de vida, cujo objetivo é otimizar o desenvolvimento da criança, suas

afinações afetivas, seus processos de apego seguro, seus ritmos, seus equilíbrios biopsicológicos, seus processos de socialização, suas aquisições e construções, da vida pré-natal à idade de três ou quatro anos, em interação com a ou as pessoas de apego inicial (mãe, pai, irmãos). As Casas da Primeira Infância estão abertas a mães e famílias de todos os meios, porém, sobretudo àquelas cujas dificuldades pessoais, morais, relacionais, sociais, intelectuais ou outras podem impedir a criança em construção de encontrar suas referências e equilíbrios, desenvolver suas competências e adquirir novas competências. E, de forma mais geral, de adaptar-se a seus diversos parceiros e ambientes múltiplos, de integrar-se na sociedade. As Casas da Primeira Infância recebem, em prioridade, as mães e futuras mães mais jovens, desprovidas de vínculos familiares ou de lar, desempregadas, sem renda, desocupadas, prisioneiras de um ambiente de vida estressante e desestabilizante, vítimas de maus-tratos, prostitutas, dependentes de droga ou do álcool e/ou socialmente marginalizadas.

Organização global

As Casas de Primeira Infância compreendem vários setores:

– *três locais-refúgio, de concepção diferente, destinados a receber futuras mães e famílias em diversos momentos da gravidez (local-refúgio pré-natal), pais e bebês com idade de alguns dias, semanas ou meses (local-refúgio das primeiras idades) ou famílias com filhos cuja idade vai da aquisição da autonomia locomotora (segunda metade do primeiro ano) ao quarto ano de vida (local-refúgio da primeira infância);*

– *um lugar de mediações cruzadas (entre a criança, a mãe, o pai, os irmãos, os avós e outros parceiros do ambiente familiar; entre a mãe, a família, os educadores e os serviços sociais; entre as diversas categorias profissionais);*

– *um lugar de prospectiva e perspectiva para a criança e seus pais. Este é um espaço de projeção no futuro e de avaliação das*

perspectivas de inserção escolar, social, profissional;

– *um lugar de informação e comunicação;*

– *um lugar de formação pluridisciplinar das diversas categorias de profissionais envolvidos na primeira infância (médicos, educadores, trabalhadores sociais, magistrados, decidores);*

– *um lugar de valorização do “saber-ser” e das habilidades das crianças e de seus pais.*

O local-refúgio pré-natal

Os objetivos

Este lugar atende mulheres grávidas de todos os meios e origens. Os espaços e estratégias de atendimento, as instalações e a organização do tempo foram concebidos para:

– *disponibilizar todos os meios informativos sobre a sexualidade e a reprodução, a contracepção, a regulação dos nascimentos, a gravidez, a prevenção da AIDS e de doenças venéreas, o parto, o período pós-natal, os primeiros anos;*

– *acompanhar e monitorar a gravidez de mulheres depressivas, isoladas do tecido social, vítimas de maus-tratos, com “distúrbios” de personalidade, que sofrem de falta de cuidados, segurança afetiva ou apoio para, assim, reduzir os riscos de complicações, aborto espontâneo, parto prematuro e marginalidade social;*

– *acalmar e tranquilizar as futuras mães, reduzir sua preocupação, sua ansiedade, suas angústias e medos, ajudá-las a confiar em si mesmas e nos outros, conduzi-las à auto-estima e, também, limitar os riscos de depressão nervosa ou de outras alterações psíquicas, independentemente de sua idade, meio social e grupo étnico;*

– *ajudar as futuras mães a aceitarem as transformações do seu corpo;*

– *atender, de modo particular e anônimo, as adolescentes grávidas, com ou sem sua família, especialmente as mais jovens (12-13 anos) e ajudá-las a enfrentar a gravidez;*

– *atender, no anonimato e em condições*

apropriadas, as que estão vivendo sua gravidez em ambiente prisional ou à margem da sociedade (sem-teto, prostitutas, drogas);

- envolver, sempre que possível, o companheiro e os outros familiares (os irmãos, futuros avós) no acompanhamento da gravidez e na projeção no período pós-nascimento;

- propor e executar, junto às futuras mães, um "acompanhamento de corte", nos casos de dependência de álcool, droga, fumo;

- prevenir a bulimia e a anorexia;

- informar as futuras mães, de forma não culpabilizadora, de que o feto já possui sensorialidade, percepções, vida emocional e afetiva, capacidades de interação, e de que é possível dar atenção às suas manifestações e viver a gravidez considerando-o um ser capaz de comunicação e apego (veremos mais adiante a utilização da ecografia, do banco de imagens e documentos da midiateca). São especialmente informadas de que o feto é capaz de discriminar e reconhecer as vozes das pessoas do seu futuro meio familiar, assim como os ambientes sonoros e musicais. São informadas de que seu ritmo sono/vigília e seu ritmo de atividade influenciam os ritmos do feto, etc. Podem ser incitadas a controlarem os barulhos do ambiente de vida, especialmente aqueles suscetíveis de perturbar o feto ou a grávida, ou seu estilo de vida (ultra-som, música muito alta). Isso permite que o feto adquira referências claras e estruturadoras sobre seu ambiente familiar particular e seus futuros parceiros;

- ajudar as futuras mães a organizarem regularmente seu ritmo sono/vigília e seu ritmo de atividade em função da alternância noite/dia (sem deixar de adaptar-se aos ritmos sociais), graças a uma assistência médica e psicológica que reduza suas insônias e distúrbios de sono, estabilizando seu ritmo de atividade dia após dia. Isso pode ser conseguido hospedando as mães pelo prazo necessário para que (re)sincronizem seu ritmo sono/vigília e seu ritmo de atividade em função da alternância noite/dia;

- preparar as futuras mães ao encontro

pós-natal com o bebê, em particular, ensinando-lhes a se organizarem para o dia e de um dia para outro, para que as duas "carteiras de identidade" da criança (o ritmo sono/vigília e o ritmo alimentar) e suas outras necessidades fundamentais sejam respeitadas, e possam desenvolver-se entre elas e o bebê interações em sintonia, instalando-se um apego seguro. Destarte, criam-se condições para a mãe e seu bebê se instalarem na segurança afetiva logo após o nascimento. Assim, a criança pode soltar suas emoções e sua afetividade, dar liberdade às suas competências e interações, aos seus processos cognitivos (os processos de compreensão e aprendizagem) e construir sua vida intelectual.

Resumindo, ao atender as futuras mães em um ambiente tranqüilizador, que inspira confiança, por algumas horas ou, se necessário, alguns dias ou até semanas, o local-refúgio pré-natal tem por objetivos:

- permitir que as pessoas fiquem mais tranqüilas e apaziguadas, voltem a confiar em si mesmas e nos outros e desenvolvam sua auto-estima;

- disponibilizar cuidados, desintoxicações, atenção, ajuda e apoio;

- ajudar as pessoas a (re)estabilizarem suas emoções, sua afetividade e seus ritmos;

- poupar as pessoas de ambientes estressantes e desestabilizantes em seu ambiente habitual e até, às vezes, de maus-tratos;

- permitir que se insiram social e humanizadamente;

- permitir que construam, desde já, um apego seguro a seu bebê, aliás já existente, superando suas dificuldades pessoais, permitindo ainda que se projetem no pós-nascimento sem receios e sem angústia;

- fornecer informações confiáveis e não culpabilizadoras sobre si mesmas e a criança que carregam, sem que as mães se sintam julgadas ou estigmatizadas;

- envolver os parceiros familiares na gravidez, na expectativa do nascimento e no período pós-nascimento.

As instalações

O local-refúgio compreende:

- *uma esfera de recepção, com mobília e espaço ansiolíticos e tranquilizadores.* Uma recepcionista acolhe cada futura mãe, acompanhada ou não, e a encaminha para uma pessoa-recurso, de atribuições e competência bem definidas (psiquiatra, psicólogo, pediatra, parteira);

- *um setor de informação não culpabilizadora sobre sexualidade, prevenção de AIDS e doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e vida fetal (o desenvolvimento e as competências do feto são ilustrados por filmes, fotografias, testemunhos).* Outras informações são prestadas sobre o desenrolar da gravidez e o parto, a alimentação e os princípios de dietética, o sono da mãe e do feto antes e depois do nascimento, etc. (ver o lugar de informação e comunicação);

- *um setor de relaxamento corporal e mental, ansiolítico e tranquilizador (ioga, banhos, banhos turcos, ambiente musical e luminoso);*

- *um setor de cuidados corporais (massagens, relaxamento) e valorização do corpo, mediante os cuidados de uma esteticista e uma cabeleireira);*

- *um setor de "escuta" do feto e do seu próprio corpo pela futura mãe, que deve ser, também, um setor de liberação da fala com os profissionais do local-refúgio e entre as futuras mães;*

- *um setor ansiolítico de liberação das emoções e do riso (presença de bichos, espetáculo com esses, brincadeiras de palhaço, jogos de papéis);*

- *um setor de reestruturação do ritmo sono/vigília das futuras mães, mediante estadias de vários dias ou, se necessário, de algumas semanas;*

- *um setor de educação alimentar;*

- *um setor de preparação para o parto e a vida no pós-nascimento, que é também um espaço de prospecção das pessoas e estruturas capazes de guardar o bebê (assistentes maternos ou creches), em especial, quando*

a mãe vive só, volta a trabalhar ou a viver em condições estressantes e desestabilizantes;

- *um setor de recepção e sensibilização à gravidez e ao nascimento do companheiro, dos irmãos maiores e dos outros familiares;*

- *um setor de consultas médicas e psicológicas;*

- *um setor de "libertação" da dependência de álcool, drogas ou fumo;*

- *um setor de valorização do "saber-ser" e das habilidades das futuras mães (ver mais adiante).*

A equipe do local-refúgio é pluridisciplinar, como nos outros locais-refúgio (ver mais adiante).

O local-refúgio das primeiras idades

Este local acolhe mães, pais e crianças nas primeiras idades (dos primeiros dias após o nascimento até seis meses de idade).

O local compartilha certos setores e pessoas com o lugar-refúgio pré-natal: a esfera de recepção, a recepcionista e as pessoas-recurso, o setor de cuidados corporais e valorização do corpo, o setor ansiolítico de liberação das emoções e do riso, o setor de educação alimentar, o setor de prospecção das pessoas e estruturas suscetíveis de acolherem o bebê (assistente maternal, creche), o setor de atendimento do companheiro, dos irmãos maiores e outros familiares, o setor de consultas médicas e psicológicas, o setor de liberação da dependência de álcool, drogas e fumo, o setor de valorização do "saber-ser" e das habilidades.

Outros setores foram concebidos para responder às especificidades do pós-nascimento:

- *um setor de exames médicos e psicológicos do bebê e da criança jovem;*

- *um banco de leite e um setor de amamentação e desculpabilização, que permitem que cada mãe aprenda a forma de segurar o recém-nascido e os gestos da amamentação, adaptados à configuração dos bicos (aleitamento no seio) e da boca, da língua e do*

céu da boca da criança, ajustando-se às suas particularidades. Ali, os profissionais (médicos, enfermeiras, puericultoras) podem tranquilizar as mães quando o bebê rejeita o seio ou a mamadeira, regurgita, engasga, quando não ganha peso, quando sua curva de crescimento ponderal permanece abaixo da média, quando apresenta reações alérgicas, quando tem particularidades morfológicas, anatômicas, fisiológicas ou comportamentais. O pai e a família (irmãos, avós) são envolvidos na alimentação do bebê, em casa ou em qualquer outro lugar;

– *um setor de sono calmo, apaziguante e ansiolítico, para acolher os bebês em cada episódio de sono;*

– *um setor que ajuda a mãe a (re)estruturar seu ritmo sono/vigília ao longo de 24 horas, em caso de insônia noturna ou desregramento do ritmo sono/vigília e de um ritmo de atividade dessincronizado em relação à alternância noite/dia. Este setor foi concebido para hospedar a mãe e seu bebê por vários dias ou, até, algumas semanas, até a estabilização e o ajuste recíproco do seu ritmo sono/vigília. O pai e os irmãos são envolvidos na preparação do adormecimento da criança e seu acolhimento ao acordar, em especial, nos episódios de sono noturno e de madrugada;*

– *um setor de cuidados corporais ao bebê, onde as mães podem aprender e regular os gestos que o deixam limpo e confortável;*

– *um setor de relaxamento corporal e mental, que favorece as interações apaziguadoras e em sintonia entre o bebê, a mãe, o pai e os irmãos (caixa de areia, piscina, ioga, trabalhos de corpo, uso de poltronas de balanço, interação com bichos, de saúde e comportamento controlados);*

– *um setor de banhos sensoriais para o bebê, controlados e totalmente isentos de superestimulação (mosaicos de cores e formas, kaleidoscópios, objetos e personagens indutores de risos e sorrisos, ruídos, músicas e vozes não ansiógenos, ruídos da natureza, substratos macios, duros, lisos ou rugosos, cheiros hedônicos e não agressivos);*

– *um setor de informação não culpabilizadora sobre o bebê e a criança jovem. Ali, enfatizam-se: a diversidade dos roteiros de desenvolvimento e a unicidade de cada pessoa-criança; a necessidade de respeitar, sem confundi-las, as duas “carteiras de identidade” de sono/vigília e de ritmo alimentar; o leque e a variabilidade das competências perceptivas e interativas nas diversas idades; os fundamentos de um apego seguro; a variação, de uma criança para outra, da idade de emergência das competências motoras e corporais (posição sentada sem ajuda, andar voluntário, escaladas) e no domínio dos esfíncteres; as capacidades de conquista do espaço; a importância do ambiente na emergência, a diversidade, a flexibilidade, as mudanças e a evolução dos comportamentos, dos modos de comunicação e linguagem, independentemente das particularidades genéticas ou inatas e das deficiências; a alimentação e os princípios de dietética; a diversidade dos processos cognitivos;*

– *um setor de deambulação e bate-papo sobre super-estruturas (passarelas, plataformas) em uma sala de encontro entre mães e profissionais e num jardim adaptado, que permitem que os bebês evoluam na terceira dimensão espacial (altura e profundidade). Dessa maneira, cada bebê pode descobrir, no colo da mãe, os conceitos necessários à integração das diversas dimensões do espaço (em cima, embaixo, acima, abaixo, ao lado, à esquerda, à direita, ao infinito), assim como as relações espaciais entre as pessoas, os objetos e o ambiente em geral;*

– *um setor de interação entre os diversos bebês e suas mães, bem como entre os bebês, nos diversos posicionamentos corporais (deitados de costas ou de bruços, sentados em assentos apropriados, em pé);*

O lugar-refúgio para as crianças com idade de seis meses a três anos

Esse lugar atende crianças com idade de seis meses ao quarto ano. Compartilha

certos setores com o lugar-refúgio das primeiras idades: a esfera de recepção, a recepcionista e as pessoas-recurso, o setor de exames médicos e psicológicos da mãe e da criança, o banco de leite e o setor de amamentação, o setor de cuidados corporais ao bebê, o setor de cuidados corporais e de valorização do corpo para a mãe, o setor de relaxamento corporal e mental, o setor de liberação do riso, o setor de informação não culpabilizadora sobre o bebê e a criança jovem, o setor de prospecção de um lugar e uma pessoa de guarda (assistente maternal, creche), o setor de atendimento do companheiro e dos irmãos maiores, o setor de consultas médicas, o setor de libertação das mães (dos pais) da dependência de álcool, drogas e fumo, o setor de valorização do “saber-ser” e das habilidades.

Outros setores foram concebidos para responder às especificidades e evoluções, da idade de seis meses à de quatro anos:

- *uma esfera de recepção, organizada para que cada criança e sua mãe (seu pai, seus irmãos) possam desenvolver entre si interações em sintonia e nutrir-se mutuamente de segurança afetiva: espaços concebidos para sonhar ou contar histórias em aconchego mútuo; dispositivos para autobalançar-se (poltronas de balanço, balanços); percursos de perseguição lúdica; paredes com orifícios que permitem brincar de esconde-esconde e reencontrar-se face a face; espetáculo com bichos, etc. (ver as instalações já existentes em Besançon, Montpellier, Bordeaux...). A esfera de recepção também foi concebida para que as crianças possam acordar no seu ritmo próprio se ainda não tiverem saído completamente de um episódio de sono, ou seja, até reencontrarem um certo nível de vigília e atenção ao ambiente (ninhos de aconchego, alvéolos e nichos, piscinas de almofadas que permitem enterrar-se entre elas). Foi concebida, finalmente, para que a criança e seus acompanhantes possam superar os medos e a insegurança afetiva desenvolvidos em casa ou no caminho até a Casa de Primeira Infância (espaço de relaxamento em um ambiente*

de músicas não ansiógenas, de formas e cores, encontro com pessoas tranqüilizadoras, espetáculo de peixes em um aquário, interações com um palhaço, interações com bichos de estimação);

- *um lugar de calma, relaxamento corporal e sono* permite receber crianças sonolentas ou que apresentam os indicadores habituais do adormecimento, independentemente da hora. Desta maneira, pode-se respeitar o ritmo ultradiano sono/vigília de cada indivíduo, em cada idade;

- *um lugar de aprendizagem de todas as dimensões espaciais, em interação com a mãe, o pai* (escalada e descida de espaldares, escada, rampa, escorrega, muro de escalada, rede de escalar; percurso de circuito com lombadas, covas, plataformas, passarelas, pontes de macaco; travessia de espaços concêntricos, dotados de estrutura de mil-folhas, que permitem a conquista da profundidade; etc.);

- *um lugar de exercícios corporais e construção do esquema corporal* com os pais, os pares e os profissionais (jogos com aros e bolas, montanha russa);

- *um lugar de encontro entre as crianças, que permita buscas e perseguições lúdicas* (labirinto, dédalo, circuito fechado do tipo circuito automobilístico, ciclovia para triciclos e caminhões de cavalgar), interações indutoras de risos (piscina de bolinhas, circuito automobilístico com rampas em que se podem guiar e trocar carrinhos), cooperações (possibilidades múltiplas de construção de torres, pirâmides, prédios com blocos, caixas, pneus; possibilidade de conjugar os próprios comportamentos e esforços com os dos pares para girar um carrossel, tocar um sino); e comportamentos de ajuda mútua no espaço e em volta de uma mesa;

- *um lugar de brincadeiras relaxantes para as crianças e os pais* (rolamentos, lançamento de cubos de espuma, bolas e almofadas; pulos e mergulhos em piscina de almofadas ou piscina de bolinhas; boliche; jogos de percussão em tambores e pratos; jogos de derrubadas);

- um lugar de liberação da linguagem, de jogos de papéis e jogos simbólicos;

- um mezanino de narração de contos e estórias e de banhos linguísticos;

- um lugar-teatro de fantoches;

- um lugar de montagem e criação, em volta de mesas adaptadas (construção com elementos do tipo Lego, construção mecânica do tipo Meccano, quebra-cabeças, desenhos, pinturas);

- um lugar de lanche e convivialidade em volta de uma mesa;

- um lugar aquático de atividades lúdicas;

- um lugar de preparação para as condições normais da escola maternal;

- um lugar de abertura sobre o mundo (pôsteres, fotografias, filmes sobre a diversidade de populações e estilos de vida, de floras, faunas, universos minerais, climas);

- um lugar de apresentação de atividades sociais, musicais, culturais, esportivas do bairro, da cidade, do meio rural, abertas à mãe, ao pai;

- um lugar de criação de solidariedades com outras crianças e outras famílias.

O lugar de mediações cruzadas

Este lugar permite amenizar e reduzir os “conflitos cruzados” entre a mãe, o pai, os irmãos e a criança, entre os dois pais e os avós, entre a criança e seus novos parceiros familiares, quando a família é recomposta (padrasto, madrasta), entre a criança, seus pais e as pessoas das estruturas de guarda, caso ela fique habitualmente no domicílio de uma assistente maternal, numa creche ou escola maternal, e entre os diversos profissionais da Casa de Primeira Infância. Ali, os pais podem encontrar uma pessoa-recurso que os ajude a entender e administrar seus conflitos com vizinhos, empregadores, administrações. Este lugar contribui para a resolução de conflitos nas equipes das estruturas de guarda da primeira infância (creches, guarderias, escolas maternais).

As pessoas-recurso do lugar de mediações cruzadas são avós, psicólogos,

pedopsiquiatras, trabalhadores sociais, educadores especializados, magistrados ou sábios, identificados por seu espírito de conciliação.

O lugar de prospectiva e perspectiva para a criança e seus pais

Este lugar permite procurar as soluções mais adequadas às dificuldades encontradas pela criança, pela mãe e pela família no dia-a-dia:

- criação ou reconstituição das condições suscetíveis de favorecer interações em sintonia e nutrir um apego seguro entre a criança, sua mãe e outros parceiros familiares;

- reestabilização e proteção dos ritmos de sono/vigília e dos ritmos de atividade dessincronizados em relação à alternância noite/dia e aos ritmos sociais, seja por motivos pessoais (pessoas insones ou de ritmos dessincronizados, pessoas “da manhã” ou “da noite” ...), seja por motivos profissionais (trabalho noturno, horários que se iniciam muito cedo pela manhã ou muito tardios, trabalho por turnos), seja devido a um ambiente perturbado pelo barulho, pelas intrusões, pelas idas e vindas;

- identificação das pessoas e estruturas que possam ficar com a criança fora do domicílio familiar (assistentes maternais, famílias substitutas³, creches, escolas maternais);

- restauração dos vínculos entre os pais e sua família;

- projetos dos pais para a criança;

- perspectivas para a mãe e o pai.

O lugar de informação e comunicação

Uma midiateca permite que as mães e as famílias se encontrem com pessoas-recurso, que indicam leituras ou documentos

³ Ndt: Em francês, *familles d'accueil*: são as famílias escolhidas e remuneradas pelo poder público francês para hospedar crianças de idade variável, que por algum motivo se viram separadas de seus pais.

audiovisuais suscetíveis de esclarecer suas dúvidas sobre contracepção, recursos anticoncepcionais, gravidez, parto, vida do feto, necessidades, sensorialidade, ritmos, competências do bebê, as estruturas de atendimento da primeira infância, etc. As pessoas-recurso acompanham as mães e as famílias no descobrimento da informação e, quando necessário, fornecem explicações. Privilegiam-se os meios audiovisuais. A constituição de uma rede de mães e famílias experientes e a presença de parteiras, enfermeiras, puericultoras, educadoras de crianças jovens, fonoaudiólogas da Casa da Primeira Infância permitem que as mães e as famílias se encontrem com pessoas-recurso que trazem, respectivamente, o peso de sua vivência e o de sua competência profissional ao acompanhar a leitura ou a visualização dos documentos.

Organizam-se encontros periódicos, em um lugar de palavra, em volta de livros, filmes, consultas clínicas, ocorrências diversas, documentos multiculturais sobre a vida pré-natal, o pós-nascimento, as práticas relacionais e educativas em diversas culturas e etnias.

Pequenos grupos de palavra são constituídos em volta de mães adolescentes, marginalizadas, vítimas de maus-tratos, drogadas, prostitutas ou, de forma mais geral, confrontadas com dificuldades pessoais, familiares, sociais, culturais ou étnicas.

O lugar de formação pluridisciplinar das diversas categorias de profissionais envolvidos na vida pré-natal, o pós-nascimento e a primeira infância

Os três lugares-refúgio, o lugar de mediações cruzadas, o lugar de prospectiva e perspectiva para a criança e seus pais e o lugar de informação e comunicação pluridisciplinares, fornecem aos profissionais envolvidos um livro inédito de vivência, que completa de forma muito concreta e diversificada sua formação escolar, univer-

sitária e hospitalar, quer sejam eles médicos clínicos gerais, pediatras, pedopsiquiatras, trabalhando na proteção materna e infantil ou em outros setores, parteiras, enfermeiras, puericultoras e outras colaboradoras dos clínicos ou, ainda, educadores, professores de primeiro grau, trabalhadores sociais, magistrados, responsáveis por serviços municipais ou departamentais da primeira infância.

O lugar de valorização do “saber-ser” e das habilidades das crianças e de seus pais

Este lugar permite valorizar o “saber-ser” das futuras mães, das mães e das famílias, mediante espetáculos apropriados que revelem seus talentos de contadora, debatedora, cantora, mímica, atriz, palhaça, dançarina, acrobata, ilusionista. Suas habilidades também são valorizadas, mediante a divulgação em cartazes, a exposição, a difusão de suas competências de escritora ou em matéria de pintura, escultura, bordado, tecelagem, culinária.

Este lugar também visa valorizar as competências do feto e do bebê, assim como o “saber-ser” e as habilidades das crianças do lugar-refúgio para as crianças entre seis meses e três anos de idade (conquista do espaço, interações sociais, habilidades motoras para transformar ou criar objetos, realizações pictóricas, domínio do corpo na dança, talento de palhaço ou de contador, etc.).

Conclusão

Pode-se, pela construção de estruturas inovadoras de atendimento e educação das crianças jovens, atuar sobre os fenômenos que vão aprisionando crianças e, a seguir, pré-adolescentes e adolescentes na insegurança afetiva. É fato que, aprisionados na insegurança afetiva, as crianças, pré-adolescentes e adolescentes não podem adquirir confiança em si e nos outros, nem superar seus bloqueios afetivos e inibições. Por isso, não podem liberar plenamente suas

emoções nem, daí, controlá-las. Não podem liberar as competências-base ou capacidades básicas que regulam as relações das pessoas com seu ambiente e, em especial, com os outros humanos. Desenvolvem um déficit de capacidade de atenção e de impulso de interação, ao mesmo tempo em que tendem a privilegiar condutas autocentradas, de evitação e fuga (e, com isso, o isolamento e a marginalidade social, bem como a fuga no consumo de drogas ou álcool), ou “o movimento pelo movimento” (instabilidade comportamental, às vezes descrita como “hiperatividade”) ou, ainda, agressões-destruições (ou seja, violência). Em outros termos, essas crianças, pré-adolescentes e adolescentes não podem desenvolver os processos de socialização necessários para respeitar os outros e integrar-se socialmente. Além disso, não podem liberar seus processos cognitivos e, portanto, os mecanismos e capacidades de aprendizagem, por exemplo, na escola. Com isso, é comum que se encontrem em situação de fracasso escolar.

Ao criar condições de vida que apaziguam, tranquilizam e dão segurança afetiva às crianças e suas famílias, instalam e reforçam os processos de apego seguro entre a criança e seus parceiros, respeitam e reestabilizam os ritmos biopsicológicos

e constroem a aliança entre o corpo, a relação social e o pensamento, as Casas da Primeira Infância permitem prevenir o desenvolvimento da insegurança afetiva, da vida pré-natal aos primeiros anos de idade. Permitem prevenir, conseqüentemente, a marginalidade social, a dependência de drogas ou álcool, a violência e o fracasso escolar. Entretanto, também é preciso que a escola e as estruturas de ensino de pré-adolescentes e adolescentes (colégios, liceus)⁴ sejam refundados nos mesmos princípios básicos que as Casas da Primeira Infância, sobretudo quando devem ser reconstruídos após terem sido desleixados, abandonados ou maltratados pelo meio familiar e... pela sociedade.

Referências

- MONTAGNER, H. 2002 The ontogeny of the baby's interactions over the first year, in J. GOMES-PEDRO, J. KEVIN NUGENT, J. Gerald YOUNG, T. Berry BRAZELTON (eds) *The infant and family in the twenty-first century*, 109-138, New-York, Brunner-Routledge.
- CORRÊA FILHO, L., GIRADE CORRÊA, M. E., SERGIO FRANCA P. 2002 *Novos olhares sobre a gestação e a criança até três anos*, Brasília, L.G.E. Editora.
- MONTAGNER, H. 2006 *L'arbre enfant. Une nouvelle approche du développement de l'enfant*, Paris, Éditions Odile Jacob.

⁴ Ndt: Na França, *colégio* é o estabelecimento mais ou menos equivalente ao antigo *ginásio* brasileiro, e *liceu*, ao atual *segundo grau* brasileiro.